

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

A psicologia histórico-cultural e a redefinição epistemológica da psicologia científica

Charles Portos Rodrigues, Dayvison Bandeira de Moura

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15598>

Submetido em: 2026-03-25

Postado em: 2026-08-25 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E A REDEFINIÇÃO EPISTEMOLÓGICA DA PSICOLOGIA CIENTÍFICA

CHARLES PORTOS RODRIGUES¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-0785-5525>

charlesportos@hotmail.com

DAYVISON BANDEIRA DE MOURA²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0722-9273>

analistadodiscurso.bandeira.pe@gmail.com

¹ Universidad Internacional Tres Fronteras. San Lorenzo, Central Department, Paraguay.

² PPGE CIA/Universidad Internacional Tres Fronteras. San Lorenzo, Central Department, Paraguay.

RESUMO: Este artigo teórico-epistemológico examina a psicologia histórico-cultural, sobretudo a partir de Lev Vigotski, como um deslocamento decisivo na constituição da psicologia científica. Em vez de compreendê-la como mais uma corrente entre outras, sustenta-se que essa perspectiva redefine o objeto da psicologia ao deslocá-lo do comportamento observável, da forma perceptiva, da estrutura lógica e da interioridade pulsional para a consciência entendida como processo histórico, social, simbólico e mediado. O estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa, bibliográfica e analítico-interpretativa, orientada por procedimento crítico-comparativo entre behaviorismo, Gestalt, epistemologia genética, psicanálise e psicologia histórico-cultural, articulado a um enfoque lógico-histórico e reconstrutivo. A análise demonstra que as matrizes clássicas, embora fundamentais para a consolidação da disciplina, permanecem limitadas por reducionismos parciais — naturalista, estrutural, lógico e pulsional — que restringem a compreensão do psiquismo em sua complexidade histórico-cultural. Em contrapartida, a teoria histórico-cultural introduz categorias como mediação simbólica, internalização, gênese social das funções psicológicas superiores, atividade mediada e sistema interfuncional, permitindo compreender o psiquismo como processo de formação da consciência nas relações sociais. Em diálogo com Bachelard, Kuhn, Lakatos e Morin, argumenta-se que essa abordagem pode ser interpretada como reconstrução do objeto científico, reorganização paradigmática, programa de pesquisa progressivo e formulação compatível com uma epistemologia da complexidade. Conclui-se que a psicologia histórico-cultural reordena os fundamentos epistemológicos da psicologia e oferece um horizonte explicativo mais amplo e relacional.

Palavras-chave: Psicologia histórico-cultural; Epistemologia da psicologia; Consciência.

CULTURAL-HISTORICAL PSYCHOLOGY AND THE EPISTEMOLOGICAL REDEFINITION OF SCIENTIFIC PSYCHOLOGY

ABSTRACT: This theoretical-epistemological essay examines cultural-historical psychology, especially in the work of Lev Vygotsky, as a decisive shift in the constitution of scientific psychology. Rather than understanding it as merely one theoretical approach among others, this study argues that this perspective redefines the object of psychology by displacing it from observable behavior, perceptual form, logical structure, and pulsional interiority toward consciousness understood as a historical, social, symbolic, and mediated process. The study is characterized as qualitative, bibliographic, and analytical-interpretative, guided by a critical-comparative procedure involving behaviorism, Gestalt psychology, genetic epistemology, psychoanalysis, and cultural-historical psychology, articulated through a logical-historical and reconstructive approach. The analysis demonstrates that classical frameworks, although fundamental

to the consolidation of the discipline, remain limited by partial reductionisms—naturalistic, structural, logical, and drive-based—that restrict the understanding of the psyche in its historical-cultural complexity. In contrast, cultural-historical theory introduces categories such as symbolic mediation, internalization, the social genesis of higher psychological functions, mediated activity, and interfunctional systems, allowing the psyche to be understood as a process of consciousness formation within social relations. In dialogue with Bachelard, Kuhn, Lakatos, and Morin, it is argued that this approach may be interpreted as a reconstruction of the scientific object, a paradigmatic reorganization, a progressive research programme, and a formulation compatible with an epistemology of complexity. It is concluded that cultural-historical psychology reorders the epistemological foundations of psychology and offers a broader, more relational explanatory horizon.

Keywords: Cultural-historical psychology; Epistemology of psychology; Consciousness.

LA PSICOLOGÍA HISTÓRICO-CULTURAL Y LA REDEFINICIÓN EPISTEMOLÓGICA DE LA PSICOLOGÍA CIENTÍFICA

RESUMEN: Este ensayo teórico-epistemológico examina la psicología histórico-cultural, especialmente a partir de Lev Vigotski, como un desplazamiento decisivo en la constitución de la psicología científica. En lugar de comprenderla como una corriente más entre otras, se sostiene que esta perspectiva redefine el objeto de la psicología al desplazarlo del comportamiento observable, de la forma perceptiva, de la estructura lógica y de la interioridad pulsional hacia la conciencia entendida como un proceso histórico, social, simbólico y mediado. El estudio se caracteriza como una investigación cualitativa, bibliográfica y analítico-interpretativa, orientada por un procedimiento crítico-comparativo entre conductismo, Gestalt, epistemología genética, psicoanálisis y psicología histórico-cultural, articulado a un enfoque lógico-histórico y reconstructivo. El análisis demuestra que las matrices clásicas, aunque fundamentales para la consolidación de la disciplina, permanecen limitadas por reduccionismos parciales —naturalista, estructural, lógico y pulsional— que restringen la comprensión del psiquismo en su complejidad histórico-cultural. En contraste, la teoría histórico-cultural introduce categorías como mediación simbólica, internalización, génesis social de las funciones psicológicas superiores, actividad mediada y sistema interfuncional, permitiendo comprender el psiquismo como un proceso de formación de la conciencia en las relaciones sociales. En diálogo con Bachelard, Kuhn, Lakatos y Morin, se argumenta que este enfoque puede ser interpretado como una reconstrucción del objeto científico, una reorganización paradigmática, un programa de investigación progresivo y una formulación compatible con una epistemología de la complejidad. Se concluye que la psicología histórico-cultural reordena los fundamentos epistemológicos de la psicología y ofrece un horizonte explicativo más amplio y relacional.

Palabras clave: Psicología histórico-cultural; Epistemología de la psicología; Conciencia.

INTRODUÇÃO

A constituição da psicologia científica, desde o final do século XIX e ao longo de todo o século XX, foi marcada por um paradoxo persistente. Ao mesmo tempo em que buscava afirmar-se como disciplina autônoma, dotada de objeto específico e legitimidade metodológica, a psicologia consolidava-se como campo internamente fraturado por escolas rivais, cada uma delas apoiada em pressupostos ontológicos, epistemológicos e metodológicos distintos. Essa heterogeneidade não representou apenas diversidade interpretativa, mas um problema estrutural para a própria unidade da disciplina: o que exatamente a psicologia deveria explicar, por quais meios e em nome de que concepção de cientificidade?

O behaviorismo, a Gestalt, a epistemologia genética e a psicanálise oferecem respostas paradigmáticas a essa questão. O behaviorismo deslocou o objeto da psicologia para o comportamento observável, procurando ajustar a disciplina ao ideal de rigor experimental das ciências naturais. A Gestalt

reagiu ao atomismo associacionista e recolocou a forma organizada no centro da experiência psicológica. A epistemologia genética, por sua vez, orientou-se para a gênese da inteligência e para a lógica da construção do conhecimento. A psicanálise recolocou a interioridade, o conflito e o inconsciente como dimensões centrais da vida psíquica. Cada uma dessas matrizes ampliou o repertório teórico da psicologia, mas ao mesmo tempo produziu um campo cada vez mais segmentado, no qual diferentes concepções de objeto, método e explicação passaram a coexistir em regime de concorrência.

Nesse cenário, torna-se epistemologicamente insuficiente reduzir o problema a uma “revisão ampla das psicologias”. Essa expressão, embora útil como indicação panorâmica, não atinge o núcleo da questão. O problema não consiste em recensear correntes ou sistematizar diferenças, mas em discernir quando uma formulação permanece no interior do regime já instituído do campo e quando, ao contrário, altera o próprio solo em que esse campo se organiza. Como observa Carvalho,

“a história da psicologia científica não pode ser compreendida como mera sucessão de escolas ou acúmulo progressivo de teorias, mas como um campo tensionado por disputas epistemológicas em torno da definição de seu objeto. Cada tradição psicológica, ao eleger um princípio explicativo privilegiado, delimita simultaneamente suas possibilidades e seus limites, produzindo recortes parciais do fenômeno psíquico. Nesse contexto, torna-se necessário reconhecer que a superação da fragmentação disciplinar não se realiza por síntese eclética, mas por deslocamentos teóricos capazes de redefinir o próprio horizonte de inteligibilidade da psicologia, recolocando o psiquismo em sua constituição histórica, social e simbólica” (CARVALHO, 2015, p. 87).

A relevância da psicologia histórico-cultural decorre precisamente disso: ela não apenas acrescenta novos conceitos ao debate psicológico, mas desloca o próprio eixo de inteligibilidade da disciplina.

A hipótese central deste ensaio sustenta que a psicologia histórico-cultural, especialmente a partir da obra de Lev Vigotski, deve ser compreendida como inflexão epistemológica decisiva na história da psicologia científica. Sua singularidade não se restringe à introdução de categorias como mediação simbólica, internalização, atividade mediada, funções psicológicas superiores ou Zona de Desenvolvimento Proximal. O que está em jogo é algo mais profundo: a redefinição do objeto da psicologia. O psiquismo deixa de ser concebido como comportamento mensurável, forma perceptiva, estrutura lógica auto-organizada ou interioridade pulsional e passa a ser entendido como consciência historicamente produzida, socialmente organizada e simbolicamente mediada.

Essa tese altera profundamente o modo de pensar a disciplina. Quando Vigotski afirma que “toda função no desenvolvimento cultural da criança aparece em cena duas vezes, em dois planos; primeiro no plano social e depois no plano psicológico” (VIGOTSKI, 2001, p. 112), ele não está apenas indicando a importância do social. Está, na verdade, deslocando a origem do psiquismo para o interior das relações mediadas, redefinindo a subjetividade como efeito histórico da atividade social e da linguagem. O psiquismo não é ponto de partida, mas processo de constituição.

A partir disso, a psicologia deixa de ser ciência de entidades isoladas e passa a ser pensada como ciência da formação da consciência. Esse deslocamento reorganiza a relação entre sujeito e objeto, entre interioridade e exterioridade, entre indivíduo e cultura, entre desenvolvimento e aprendizagem. O comportamento não desaparece; a percepção não perde relevância; a inteligência e a vida afetiva não deixam de ser importantes. O que se modifica é o princípio explicativo que os articula: todos esses domínios passam a ser compreendidos à luz da mediação simbólica, da historicidade e da atividade social.

É nesse sentido que a psicologia histórico-cultural pode ser interpretada como transformação de grande alcance epistemológico. Em Bachelard, ela se aproxima da ideia de reconstrução do objeto científico contra as evidências imediatas; em Kuhn, adquire a forma de reorganização paradigmática; em Lakatos, mostra-se como programa de pesquisa progressivo; em Morin, revela afinidade com uma inteligibilidade complexa e não redutiva do humano. O objetivo deste artigo, portanto, é demonstrar que a psicologia histórico-cultural opera uma transformação estrutural da psicologia científica, oferecendo um horizonte explicativo mais amplo, relacional e historicamente fundado para compreender o psiquismo humano.

METODOLOGIA

A escolha metodológica deste estudo decorre da natureza do problema investigado. Como a pesquisa se volta à análise crítica dos fundamentos conceituais e epistemológicos das principais correntes da psicologia científica, não faria sentido recorrer a procedimentos voltados à mensuração, à experimentação ou à coleta empírica de dados. O que se busca, neste caso, é compreender como diferentes tradições psicológicas construíram seus objetos, organizaram seus métodos e sustentaram formas distintas de explicação do psiquismo. Nesse sentido, a adoção de uma pesquisa teórica, bibliográfica e de caráter epistemológico mostra-se coerente com o propósito do trabalho. Tal perspectiva encontra respaldo na compreensão de que a ciência avança também pela revisão de seus próprios fundamentos, uma vez que “o espírito científico deve formar-se reformando-se” (BACHELARD, 1996, p. 29).

A seleção dos autores e correntes analisados foi orientada por critérios de relevância histórica, densidade epistemológica e capacidade de incidência na definição do objeto da psicologia científica. Foram privilegiadas tradições que, ao longo do século XX, exerceram papel estruturante na consolidação da disciplina — behaviorismo, Gestalt, epistemologia genética e psicanálise — não apenas por sua difusão institucional, mas por terem formulado modelos explicativos paradigmáticos do psiquismo, cada qual apoiado em um princípio organizador específico, como o comportamento, a forma, a estrutura cognitiva e a dinâmica pulsional. A inclusão da psicologia histórico-cultural decorre de sua capacidade de rearticular criticamente esses modelos, introduzindo categorias que deslocam o eixo explicativo do campo. No plano epistemológico, a escolha de Bachelard, Kuhn, Lakatos e Morin fundamenta-se em sua pertinência para a análise de transformações no interior das ciências, permitindo examinar a emergência da teoria histórico-cultural como reconstrução do objeto, reorganização paradigmática, programa de pesquisa com potencial heurístico e formulação compatível com uma compreensão complexa do humano. Desse modo, o corpus teórico não foi definido por exaustividade bibliográfica, mas por sua potência analítica para explicitar tensões, limites e deslocamentos na constituição do conhecimento psicológico.

Também se justifica o procedimento crítico-comparativo, porque ele permite examinar cada tradição psicológica não de forma isolada, mas a partir de seus limites, de suas escolhas teóricas e de sua capacidade de explicar o psiquismo em sua constituição histórico-social. Esse tipo de comparação é pertinente quando se parte do entendimento de que mudanças científicas relevantes não decorrem de simples acúmulo de dados, mas da emergência de novas formas de organizar o campo. É nesse sentido que Kuhn afirma que uma crise pode terminar com “a emergência de um novo candidato a paradigma e com uma subsequente batalha por sua aceitação” (KUHN, 2013, p. 108), o que sustenta a análise da psicologia histórico-cultural como uma inflexão teórica mais ampla no interior da psicologia científica.

A adoção de um método lógico-histórico e reconstrutivo também é adequada porque permite articular a coerência interna dos sistemas teóricos às condições históricas de sua formulação. Isso é especialmente importante em um estudo que não pretende apenas descrever escolas psicológicas, mas reconstruir o movimento pelo qual certos impasses teóricos levaram à formulação de alternativas mais abrangentes. Nessa perspectiva, a interlocução com a epistemologia da complexidade fortalece a escolha metodológica, pois evita explicações lineares e reducionistas. Como adverte Morin, não se deve “conceber a complexidade como receita, como resposta, ao invés de considerá-la como desafio e como motivação para pensar” (MORIN, 1998, p. 176). Assim, a metodologia escolhida se mostra pertinente justamente porque trata o psiquismo como um objeto que exige articulação entre linguagem, cultura, desenvolvimento, atividade e historicidade, sem reduzi-lo a um único princípio explicativo.

Por fim, a recusa de procedimentos experimentais, estatísticos ou de campo não representa fragilidade metodológica, mas delimitação coerente com a natureza da investigação. O rigor, aqui, repousa na consistência conceitual, na coerência analítica e na força interpretativa da reconstrução teórica. Em termos epistemológicos, isso se justifica porque o avanço do conhecimento não depende apenas de acumulação, mas de ruptura e revisão crítica; afinal, “o conhecimento científico é sempre a reforma de uma ilusão” (BACHELARD, 1996, p. 17). Desse modo, a metodologia aplicada é adequada ao propósito do estudo porque permite sustentar, em bases teóricas e epistemológicas, a tese de que a psicologia histórico-cultural reorganiza de modo decisivo o horizonte científico da psicologia.

LIMITES EPISTEMOLÓGICOS DAS PSICOLOGIAS CLÁSSICAS

A consolidação da psicologia científica deve muito às tradições que, ao longo do século XX, delimitaram objetos, estabilizaram métodos e produziram vocabulários próprios para a explicação da vida psíquica. Seria um equívoco, portanto, tratá-las como simples erros superados. Behaviorismo, Gestalt, epistemologia genética e psicanálise desempenharam papel decisivo na constituição da disciplina. Entretanto, é precisamente esse papel fundador que exige uma avaliação crítica mais rigorosa: cada uma dessas correntes operou a partir da absolutização de um princípio parcial, convertendo-o em eixo soberano de cientificidade. O resultado foi a fragmentação do psiquismo em domínios incomunicáveis e a dificuldade crescente de pensá-lo em sua historicidade concreta.

O behaviorismo representa talvez a forma mais explícita de adesão da psicologia ao ideal metodológico das ciências naturais. Sua recusa da introspecção e sua defesa da observabilidade pública do comportamento responderam a uma exigência legítima de rigor científico. Watson afirmou que a psicologia deveria eliminar “todo apelo à consciência” e constituir-se como ciência objetiva do comportamento (WATSON, 1994, p. 158). Esse movimento foi importante para romper com o subjetivismo metodológico que marcava parte da psicologia inicial. Todavia, ao restringir o objeto da disciplina ao comportamento observável, o behaviorismo promoveu uma redução ontológica severa. A linguagem, o pensamento, a intencionalidade, a memória voluntária e a formação de conceitos tornaram-se, nesse quadro, opacos ou secundários. O sujeito passa a ser concebido predominantemente como organismo adaptativo regulado por contingências ambientais.

O reducionismo naturalista dessa tradição não decorre apenas de seu apego ao observável, mas do fato de que ela não dispõe de categorias capazes de explicar como o sujeito reorganiza simbolicamente sua própria atividade. Mesmo em formulações mais sofisticadas, a lógica explicativa permanece centrada na relação linear entre ambiente e resposta, sem acesso ao problema da mediação

cultural. É justamente esse ponto que Vigotski atinge ao deslocar a explicação do comportamento para a atividade mediada: sem signos, não há inteligibilidade das funções superiores. O behaviorismo pode descrever regularidades da conduta, mas não alcança o processo pelo qual a consciência se forma historicamente.

A Gestalt, por sua vez, trouxe contribuição relevante ao recusar o atomismo associacionista e insistir no primado das totalidades organizadas. Ao mostrar que a percepção não é soma de elementos, mas configuração, ela restituiu à psicologia a dimensão da estrutura. Koffka afirma que “a forma é o dado primário da experiência psicológica” (KOFFKA, 1935, p. 67), e é justamente aí que se situa seu mérito e seu limite. O mérito está em afirmar que o fenômeno psicológico possui organização própria; o limite, em converter essa organização em dado quase natural, sem reconstruir sua gênese histórico-cultural. Como observa Vigotski, “a Gestalt descreve a forma, mas não explica sua formação” (VIGOTSKI, 2001, p. 60).

Esse limite é epistemologicamente decisivo. A Gestalt apreende a forma acabada, mas não explica como a percepção se transforma na atividade social, como a linguagem reorganiza o campo perceptivo ou como a formação de conceitos representa alteração qualitativa do sistema psicológico. Sua tendência a reificar a estrutura a impede de compreender a historicidade concreta das funções superiores. A descrição fenomenológica das formas não se converte em teoria da constituição da consciência.

Na epistemologia genética, Piaget dá um passo importante ao deslocar o problema para a gênese. Em vez de tratar a inteligência como dado pronto, ele a reconstrói como processo de equilíbrio progressiva. A afirmação de que “a inteligência é uma estrutura que se equilibra progressivamente” (PIAGET, 1976, p. 12) resume esse projeto. No entanto, a centralidade conferida à ação individual do sujeito sobre o meio e à auto-organização das estruturas cognitivas faz com que a lógica do desenvolvimento permaneça prioritariamente interna. A linguagem, nesse modelo, tende a ser concebida como expressão de uma estrutura cognitiva já constituída, não como instância que reorganiza qualitativamente o pensamento.

O reducionismo lógico da epistemologia genética reside, portanto, na elevação da estrutura cognitiva à condição de fundamento privilegiado do psiquismo. Ainda que Piaget produza uma teoria refinada do desenvolvimento intelectual, ele não integra suficientemente a mediação simbólica, a historicidade da cultura e o papel constitutivo das relações sociais na formação da consciência. O sujeito piagetiano é ativo, mas sua atividade permanece relativamente desvinculada das formas concretas de mediação cultural. Por isso, sua teoria alcança a gênese da inteligência, mas não a gênese social das funções superiores.

A psicanálise ocupa posição singular nesse panorama. Ao romper com o positivismo observacional e recolocar em cena a profundidade da vida subjetiva, Freud ampliou decisivamente o repertório da psicologia. O inconsciente, o conflito, o recalamento e a ambivalência introduziram uma dimensão até então marginalizada. No entanto, essa ampliação não resultou em uma teoria histórico-social da consciência. Quando Freud afirma que “o inconsciente é atemporal” (FREUD, 2010, p. 191), explicita uma concepção em que a historicidade permanece subordinada à dinâmica pulsional. A linguagem, embora importante, aparece sobretudo como via de expressão de conteúdos psíquicos, não como princípio ontológico de constituição da subjetividade.

O reducionismo pulsional da psicanálise não significa pobreza interpretativa, mas limitação estrutural. Sua hermenêutica da interioridade não alcança suficientemente a mediação social, a atividade

e a formação cultural das funções psicológicas. A profundidade subjetiva que ela revela não se converte em teoria da consciência enquanto processo histórico e simbólico.

Essas tradições, portanto, não fracassam por irrelevância, mas por insuficiência integradora. Cada uma apreende uma dimensão real do psiquismo, mas a converte em princípio soberano da explicação. Com isso, o comportamento, a forma, a lógica e a pulsão transformam-se em reducionismos. É precisamente nesse ponto que a psicologia histórico-cultural adquire singularidade epistemológica: ela não nega as contribuições das matrizes clássicas, mas reinscreve seus alcances e limites em um horizonte teórico mais amplo, capaz de integrar mediação, historicidade, linguagem, atividade e desenvolvimento em uma mesma arquitetura conceitual.

A REDEFINIÇÃO DO OBJETO PSICOLÓGICO NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

A psicologia histórico-cultural inaugura uma mudança de grande alcance ao deslocar o objeto da psicologia da descrição de entidades isoladas para a análise da consciência em seu processo de constituição. O psiquismo deixa de ser concebido como interioridade dada, repertório de respostas observáveis, conjunto de estruturas acabadas ou profundidade intrapsíquica e passa a ser compreendido como realidade historicamente produzida, socialmente organizada e simbolicamente mediada. Essa alteração não é apenas temática; ela modifica o princípio a partir do qual o fenômeno psicológico se torna inteligível.

No núcleo desse deslocamento está a mediação simbólica. Para Vigotski, os signos não são apêndices exteriores utilizados por um sujeito previamente formado. Eles reestruturam qualitativamente o funcionamento psicológico. Ao apropriar-se da linguagem e de outros sistemas simbólicos, o sujeito passa a regular a própria conduta, a reorganizar sua memória, a antecipar ações, a construir planejamento e a produzir pensamento abstrato. Como escreve Vigotski, “a mediação por signos é o alicerce das funções psicológicas superiores” (VIGOTSKI, 2012, p. 47). Essa formulação é decisiva porque rompe com a ideia de que as formas superiores do psiquismo derivem linearmente de processos biológicos ou de adaptação direta ao meio. Entre o sujeito e o mundo há sempre mediação, e é essa mediação que torna possível a consciência.

A categoria de internalização radicaliza esse argumento. Longe de indicar simples introjeção de conteúdos externos, ela designa a transformação qualitativa de processos originalmente interpsicológicos em processos intrapsicológicos. O que se constitui no plano subjetivo é resultado de relações sociais mediadas anteriormente vividas na atividade compartilhada. A conhecida tese vigotskiana segundo a qual “toda função no desenvolvimento cultural da criança aparece em cena duas vezes” (VIGOTSKI, 2001, p. 112) indica precisamente isso: a subjetividade não antecede a relação; ela se forma nela. O individual não desaparece, mas deixa de ser concebido como origem autônoma, passando a ser entendido como reorganização singular de formas históricas de atividade.

Essa tese produz uma redefinição profunda do desenvolvimento psicológico. Atenção voluntária, memória lógica, pensamento verbal, formação de conceitos e autorregulação não são potencialidades naturais apenas atualizadas pelo tempo ou pela maturação, mas formas historicamente produzidas de organização do psiquismo, dependentes da apropriação de instrumentos culturais. Nessa direção, Stetsenko enfatiza que,

“a mente humana não pode ser compreendida como uma entidade isolada ou como um sistema interno fechado, pois ela emerge e se transforma no interior de práticas sociais historicamente

situadas, nas quais os sujeitos participam ativamente na produção e transformação do mundo” (STETSENKO, 2020, p. 35).

Explicar o desenvolvimento significa, portanto, reconstruir a gênese social dessas funções. O desenvolvimento não é linha contínua de crescimento interno, mas processo de reorganização qualitativa do sistema psicológico em decorrência da participação do sujeito em práticas mediadas. A atividade ocupa aqui lugar estratégico. O social, para a teoria histórico-cultural, não é cenário ou contexto suplementar; é dimensão constitutiva da própria relação entre sujeito e mundo. Leontiev sintetiza esse ponto ao afirmar que “a atividade é o elo real entre o sujeito e o mundo histórico-cultural que o forma” (LEONTIEV, 1977, p. 78). A atividade mediada não pode ser confundida com comportamento observável, pois é atravessada por significados, objetivos, instrumentos e relações sociais.

Nessa mesma direção, Daniels observa que “as funções psicológicas superiores devem ser analisadas não como propriedades internas do indivíduo, mas como formas de organização da atividade que se constituem nas relações sociais e nos contextos institucionais em que os sujeitos estão inseridos” (DANIELS, 2018, p. 112), o que reforça a compreensão de que a mediação cultural não comparece como elemento acessório, mas como princípio estruturante do desenvolvimento. Tampouco pode ser reduzida à expressão de estruturas internas, porque envolve transformação objetiva do mundo e autotransformação do sujeito. Ao tomar a atividade como unidade concreta de análise, a psicologia histórico-cultural supera a cisão entre exterioridade e interioridade, recolocando o psiquismo em sua materialidade histórica.

Outro conceito decisivo é o de sistema interfuncional. Contra a tradição que pensava a mente em termos de faculdades relativamente independentes, Vigotski compreende o psiquismo como sistema dinâmico em que as funções se reorganizam mutuamente. A linguagem, por exemplo, não se agrega ao pensamento como instrumento externo; ela altera a própria estrutura do pensar. A memória mediada não representa mera ampliação quantitativa da retenção, mas transformação da relação do sujeito com os signos e com o tempo. O desenvolvimento das funções superiores, portanto, não pode ser explicado isolando-se percepção, linguagem, memória ou pensamento; exige apreensão de sua articulação sistêmica.

Essa arquitetura conceitual desorganiza dicotomias clássicas da psicologia. O interno e o externo deixam de ser esferas separadas, pois a interioridade resulta da internalização de relações externas mediadas. O individual e o social deixam de se opor, uma vez que a singularidade subjetiva emerge de processos coletivos de significação. O sujeito e o objeto também deixam de ser termos independentes, porque a atividade mediada transforma simultaneamente o mundo e aquele que age sobre ele. A própria oposição entre estrutura e gênese perde centralidade, já que o desenvolvimento passa a ser compreendido como reorganização sistêmica em movimento.

Com isso, a psicologia histórico-cultural não apenas amplia a psicologia; ela redefine o objeto psicológico em termos mais exigentes. O psiquismo torna-se inteligível como processo de formação da consciência no interior da história, da cultura, da linguagem e da atividade. Esse deslocamento é o que confere à teoria vigotskiana sua estatura epistemológica singular.

INTERLOCUÇÕES EPISTEMOLÓGICAS: BACHELARD, KUHN, LAKATOS E MORIN

A compreensão do alcance da psicologia histórico-cultural torna-se mais precisa quando colocada em interlocução com referenciais epistemológicos que permitem explicitar o estatuto de sua emergência. Ainda que Vigotski não tenha formulado sua teoria em diálogo direto com Bachelard, Kuhn,

Lakatos ou Morin, as categorias desses autores oferecem instrumentos analíticos decisivos para situar a singularidade de sua contribuição. O que elas revelam, em diferentes registros, é que a teoria histórico-cultural ultrapassa o estatuto de escola psicológica e adquire densidade de acontecimento epistemológico.

A contribuição de Bachelard é particularmente fecunda nesse ponto. Ao afirmar que “o conhecimento científico progride por rupturas” (BACHELARD, 1996, p. 18), ele recusa a ideia de continuidade linear do saber e mostra que a ciência avança quando reconstrói criticamente seu objeto, superando evidências imediatas, imagens espontâneas e obstáculos epistemológicos. Aplicada à psicologia, essa chave permite compreender que as matrizes clássicas, embora cientificamente relevantes, permanecem presas a recortes parciais do psiquismo tomados como fundamentos absolutos. O behaviorismo fixa-se na evidência do observável; a Gestalt, na forma perceptiva; Piaget, na estrutura lógica; a psicanálise, na profundidade pulsional. A psicologia histórico-cultural rompe com essas imagens ao reconstruir o objeto psicológico como consciência mediada. Não se trata de corrigir teorias prévias, mas de deslocar o próprio solo em que o fenômeno psicológico é concebido.

Em Kuhn, o ponto decisivo está na noção de paradigma. Para ele, uma disciplina científica organiza-se em torno de matrizes que definem problemas legítimos, métodos admissíveis, critérios de validação e formas de interpretação. Quando a psicologia histórico-cultural desloca o objeto da disciplina para a gênese social da consciência, ela altera simultaneamente esses quatro níveis. O método deixa de privilegiar apenas observação de estados finais ou experimentação descontextualizada e passa a exigir reconstrução histórico-genética. Os problemas legítimos já não se restringem à mensuração do comportamento, à descrição da percepção ou à lógica das estruturas cognitivas, mas passam a envolver a constituição das funções superiores, a mediação simbólica e a atividade social. Em termos kuhnianos, há reorganização paradigmática porque se transforma o próprio regime de cientificidade da disciplina.

Lakatos contribui ao oferecer um critério para avaliar a fecundidade teórica dessa reorganização. Em sua concepção, programas de pesquisa distinguem-se pela presença de um núcleo duro estável e por sua capacidade heurística de gerar novos problemas e soluções. A psicologia histórico-cultural apresenta precisamente essa configuração. Seu núcleo teórico reside na tese de que o psiquismo humano forma-se historicamente por mediação simbólica no interior da atividade social. Em torno desse núcleo, articulam-se conceitos como internalização, funções superiores, Zona de Desenvolvimento Proximal, atividade mediada e sistema interfuncional. A força da teoria não está apenas em sua coerência interna, mas no fato de que ela se mostra produtiva: gera interpretações novas para educação, linguagem, desenvolvimento, aprendizagem, cognição e subjetividade. Nesse sentido, pode ser lida como programa de pesquisa progressivo, e não como doutrina fechada ou sistema apenas defensivo.

A aproximação com Morin acrescenta outro nível de inteligibilidade. O pensamento complexo não significa recusa da explicação, mas recusa do reducionismo. Quando Morin afirma que “o todo é mais do que a soma das partes [...] e é outra coisa” (MORIN, 2005, p. 101), ele oferece uma chave especialmente apropriada para pensar a arquitetura da teoria histórico-cultural. O psiquismo, em Vigotski, não pode ser reduzido nem ao biológico, nem ao social isoladamente, nem à linguagem separada da atividade, nem ao indivíduo abstraído de sua história. Ele emerge da articulação dinâmica entre múltiplas determinações. A noção de sistema interfuncional, a compreensão do desenvolvimento como reorganização qualitativa e a centralidade da mediação simbólica convergem para uma inteligência efetivamente complexa do humano. A psicologia histórico-cultural mostra-se, assim, teoricamente compatível com uma epistemologia que recusa simplificações lineares.

Esses quatro referenciais não são adereços interpretativos. Eles tornam visível, sob diferentes ângulos, a magnitude da contribuição vigotskiana. Bachelard explicita a reconstrução do objeto científico; Kuhn, a reorganização da matriz disciplinar; Lakatos, a progressividade do programa; Morin, a afinidade com uma compreensão complexa do humano. Em conjunto, eles permitem afirmar com maior precisão que a psicologia histórico-cultural não apenas oferece novas categorias à psicologia, mas redefine o modo como a disciplina pode compreender seu próprio objeto.

A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E O NOVO HORIZONTE CIENTÍFICO DA PSICOLOGIA

A contribuição mais profunda da psicologia histórico-cultural talvez resida na abertura de um novo horizonte científico para a psicologia. O que se altera com Vigotski não é somente o repertório conceitual da disciplina, mas o próprio sentido de explicação psicológica. Em lugar de uma psicologia centrada na descrição de comportamentos, na organização da percepção, na lógica de estruturas cognitivas ou na interpretação da interioridade, delineia-se uma psicologia orientada à reconstrução dos processos históricos e simbólicos de formação da consciência.

Esse novo horizonte implica redefinir a própria ideia de cientificidade. A psicologia não pode mais aspirar ao estatuto de ciência apenas por aproximar-se das formas metodológicas das ciências naturais ou por reduzir seu objeto ao observável. Tampouco se sustenta cientificamente pela simples descrição de estruturas ou pela interpretação hermenêutica da vida psíquica. Sua cientificidade passa a depender da capacidade de apreender o movimento real pelo qual as funções psicológicas se constituem, se reorganizam e se transformam na atividade mediada. Conhecer psicologicamente significa reconstruir gêneses, identificar mediações, compreender relações e apreender a historicidade do psiquismo.

Nessa perspectiva, a psicologia histórico-cultural supera dualismos que atravessaram a história da disciplina. O biológico não é negado, mas deixa de ser fundamento suficiente da explicação. O social não é concebido como moldura externa ou variável contextual, mas como dimensão constitutiva da subjetividade. A linguagem não é efeito secundário do pensamento; converte-se em princípio organizador da consciência. A atividade deixa de ser mero comportamento e passa a figurar como unidade concreta em que sujeito e mundo se coproduzem. A força desse horizonte está justamente em integrar dimensões antes pensadas de forma apartada.

Essa integração tem consequências importantes para o desenvolvimento psicológico. As funções superiores não podem mais ser tratadas como faculdades naturais que amadurecem segundo calendário interno. Elas são formas históricas de organização do psiquismo. Isso implica reconhecer que aprender não é apenas atualizar capacidades já dadas, mas participar de processos sociais que reorganizam qualitativamente a própria estrutura do pensamento. A aprendizagem deixa, assim, de ser efeito secundário do desenvolvimento e passa a ocupar lugar constitutivo em sua dinâmica. A psicologia aproxima-se da educação em um nível muito mais radical do que o da mera aplicação de conceitos: ambas passam a compartilhar uma ontologia da formação humana.

Do ponto de vista disciplinar, esse novo horizonte também amplia a capacidade da psicologia de dialogar com debates contemporâneos sem perder sua especificidade. Questões relativas à cognição situada, à mente distribuída, à plasticidade, à aprendizagem colaborativa, à subjetividade socialmente constituída e mesmo aos limites da inteligência artificial podem ser reabertas de modo fecundo quando o psiquismo é pensado como atividade simbólica historicamente organizada. A psicologia histórico-

cultural não fornece respostas prontas a todos esses debates, mas oferece um quadro conceitual mais robusto para enfrentá-los.

Além disso, esse horizonte científico impede que a disciplina recaia em fragmentações excessivas. Em vez de recortar o humano em módulos independentes, ele exige uma compreensão relacional do psiquismo. A consciência passa a ser apreendida como totalidade processual, aberta, contraditória e histórica. Não se trata de totalidade fechada, mas de sistema em transformação. Essa concepção é particularmente importante porque preserva a complexidade do humano sem dissolver a exigência de rigor teórico.

A psicologia histórico-cultural, portanto, não apenas amplia o campo da psicologia; ela desloca seus critérios de inteligibilidade. Oferece à disciplina um horizonte científico mais amplo, historicamente fundado e menos fragmentário, capaz de responder de maneira mais consistente à complexidade do psiquismo humano.

DISCUSSÕES

A análise realizada permite reconhecer que a psicologia histórico-cultural permanece uma das formulações mais vigorosas para enfrentar a dispersão epistemológica da psicologia contemporânea. Sua atualidade não se deve apenas à relevância histórica de Vigotski, mas ao fato de que sua teoria continua a oferecer uma arquitetura conceitual capaz de resistir tanto ao reducionismo quanto à dispersão. Em um campo ainda frequentemente dividido entre explicações biologizantes, formalizações cognitivistas estreitas, interpretações subjetivistas e leituras sociais pouco sensíveis à especificidade psicológica, a perspectiva histórico-cultural conserva a capacidade de reintroduzir unidade complexa sem apelar a simplificações.

Um de seus maiores méritos está em recolocar a gênese no centro da explicação psicológica. Esse gesto continua epistemologicamente decisivo. Em vez de naturalizar estados psíquicos ou descrever formas estabilizadas, a teoria histórico-cultural obriga a psicologia a perguntar como tais formas foram produzidas, por quais mediações, em quais práticas e sob quais condições históricas. Essa exigência desloca a psicologia de uma ciência de resultados para uma ciência de processos. Em termos disciplinares, isso significa abandonar a ilusão de que o psiquismo possa ser plenamente compreendido por cortes sincrônicos ou por observação de manifestações isoladas.

Outro aspecto importante diz respeito às implicações dessa perspectiva para a formação humana e para a educação. Ao compreender que a aprendizagem pode produzir desenvolvimento e que a mediação simbólica reorganiza qualitativamente o pensamento, a teoria histórico-cultural atribui à educação um estatuto ontologicamente mais forte. A escola deixa de ser apenas espaço de transmissão ou socialização e passa a ser compreendida como instituição capaz de operar transformações na estrutura do psiquismo. No entanto, essa potencialidade também exige cautela: sua apropriação pedagógica não pode reduzir conceitos complexos a fórmulas operacionais empobrecidas. Há um risco real de banalização quando categorias como mediação ou ZDP são utilizadas sem articulação com a ontologia histórico-cultural que lhes dá sentido.

No campo da psicologia, a permanência dessa teoria também depende da capacidade de evitar dois desvios opostos. O primeiro é sua dogmatização, isto é, a repetição escolarizada de categorias consagradas sem reabertura de seus problemas. O segundo é sua diluição em ecletismos

teóricos que apagam sua especificidade epistemológica. Entre um e outro, o desafio consiste em preservar o núcleo ontológico da teoria — mediação, historicidade, atividade, gênese social — ao mesmo tempo em que se expande seu diálogo com questões contemporâneas.

Há ainda tensões em aberto, especialmente no que se refere à operacionalização empírica de conceitos altamente abstratos e à tradução metodológica de uma ontologia relacional em contextos de pesquisa variados. Isso não enfraquece a teoria; ao contrário, indica sua densidade e a necessidade de aprofundamentos posteriores. Nessa direção, Veresov assinala que, “o desenvolvimento psicológico deve ser compreendido como um processo dramático, no qual as relações sociais não são simplesmente internalizadas, mas transformadas por meio de conflitos, tensões e reorganizações qualitativas da experiência” (VERESOV, 2019, p. 78). A unidade entre o social e o individual, portanto, não pode ser presumida como dado imediato, mas deve ser compreendida como construção histórica produzida no movimento da atividade e das mediações que a atravessam.

Em um contexto histórico marcado por intensa fragmentação do saber psicológico e por pressões institucionais que favorecem recortes rápidos, funcionais ou instrumentalizados do humano, a psicologia histórico-cultural mantém um valor crítico singular. Ela recorda que compreender o psiquismo exige articular linguagem, cultura, atividade, relações sociais e desenvolvimento histórico. Mais do que uma alternativa entre outras, continua a ser uma exigência de rigor para qualquer psicologia que pretenda pensar o humano em sua complexidade concreta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso desenvolvido neste estudo permite afirmar que a psicologia histórico-cultural não pode ser reduzida ao estatuto de revisão panorâmica das correntes psicológicas nem tratada como uma escola adicional no interior de um campo já consolidado. Sua singularidade reside em ter introduzido uma alteração profunda no modo de definir o objeto da psicologia científica. Ao deslocar esse objeto para a consciência em sua constituição histórico-social e simbolicamente mediada, a teoria vigotskiana altera não apenas a temática da disciplina, mas o próprio regime a partir do qual ela pode reivindicar cientificidade.

As matrizes clássicas da psicologia contribuíram decisivamente para a consolidação do campo, mas permaneceram vinculadas a princípios explicativos parciais que fragmentaram o psiquismo em domínios isolados. O behaviorismo absolutizou o comportamento observável; a Gestalt, a forma organizada; a epistemologia genética, a lógica da estrutura cognitiva; a psicanálise, a interioridade pulsional. Cada uma delas revelou dimensões reais da vida psíquica, mas nenhuma foi capaz de integrá-las em uma explicação que articulasse, de modo consistente, mediação simbólica, cultura, desenvolvimento, atividade e historicidade.

A contribuição de Vigotski adquire, nesse cenário, estatura distinta. Ao formular categorias como mediação simbólica, internalização, gênese social das funções superiores, atividade mediada e sistema interfuncional, ele não apenas amplia o repertório conceitual da psicologia, mas redefine o sentido da explicação psicológica. Explicar o psiquismo passa a significar reconstruir o processo de formação da consciência no interior das relações sociais e da apropriação de formas culturais.

Lida em interlocução com Bachelard, Kuhn, Lakatos e Morin, essa contribuição torna-se ainda mais nítida: trata-se de reconstrução do objeto científico, reorganização paradigmática, programa de pesquisa progressivo e formulação compatível com uma epistemologia da complexidade. Em todos

esses níveis, a psicologia histórico-cultural mostra-se mais do que uma tradição relevante; ela se apresenta como uma das mais consistentes tentativas de refundação epistemológica da psicologia científica.

Sua atualidade permanece, por isso, incontornável. Ao integrar história, cultura, linguagem, atividade e desenvolvimento em uma mesma arquitetura conceitual, a psicologia histórico-cultural oferece à disciplina um horizonte científico mais amplo, mais rigoroso e menos fragmentário. Em um campo ainda marcado por dispersão teórica, essa talvez seja sua contribuição mais decisiva: recolocar a psicologia diante da exigência de compreender o humano não como dado natural, interioridade isolada ou resposta imediata, mas como realidade histórica, simbólica e socialmente produzida.

Contribuição de autoria (CRediT)

Charles Portos Rodrigues: conceitualização, metodologia, análise formal, investigação teórica, redação da versão original do manuscrito. Dayvison Bandeira de Moura: revisão crítica do conteúdo, aprimoramento teórico-analítico, redação — revisão e edição. Ambos os autores aprovaram a versão final do manuscrito.

Conflito de interesses

Os autores declaram que não há conflitos de interesses financeiros, comerciais, institucionais ou pessoais que possam ter influenciado direta ou indiretamente os resultados ou as interpretações apresentadas neste estudo.

Disponibilidade de dados

Os dados que sustentam os achados deste estudo consistem em um corpus teórico composto por obras clássicas e contemporâneas da psicologia e da epistemologia da ciência, bem como em matrizes analíticas e sistematizações conceituais elaboradas pelos autores. Esses materiais estão descritos no arquivo de dados de pesquisa depositado no repositório SciELO Preprints/Dataverse e podem ser acessados conforme as políticas do repositório.

Declaração de uso de Inteligência Artificial

Os autores declaram que utilizaram ferramenta de Inteligência Artificial generativa, especificamente o ChatGPT, da OpenAI, como recurso auxiliar durante o processo de **pesquisa bibliográfica**, especialmente para apoio à definição e combinação de descritores, identificação preliminar de literatura potencialmente pertinente ao tema, organização das estratégias de busca e localização de referências relacionadas ao objeto de investigação. A ferramenta também foi utilizada, de forma complementar, para apoio à revisão linguística, à clareza e à organização textual do manuscrito.

As referências identificadas com auxílio da ferramenta foram **posteriormente conferidas e verificadas pelos autores em fontes acadêmicas e/ou documentos originais**, não tendo a

Inteligência Artificial sido utilizada como fonte bibliográfica, evidência científica ou substituta da consulta às publicações citadas.

A seleção das fontes, a leitura e interpretação da literatura, a construção da argumentação, as análises teórico-epistemológicas, as conclusões e todas as decisões científicas e autorais permaneceram sob responsabilidade exclusiva dos autores. Todo conteúdo produzido com auxílio da ferramenta foi submetido à revisão crítica e validação pelos autores, que assumem integral responsabilidade pela **originalidade, precisão, integridade científica e conteúdo final do manuscrito**.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

CARVALHO, Ademar de Lima. ***Epistemologia da psicologia e fundamentos do conhecimento científico***. São Paulo: Cortez, 2015.

DANIELS, Harry. **Vygotsky and pedagogy**. 2. ed. London: Routledge, 2018.

FREUD, Sigmund. **O inconsciente**. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id**. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

KOFFKA, Kurt. **Principles of Gestalt psychology**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1935.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LAKATOS, Imre. **A metodologia dos programas de pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 1999.

LEONTIEV, Alexei N. **Atividade, consciência e personalidade**. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

STETSENKO, Anna. **Agency and education in the times of crisis: a future-oriented approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

VERESOV, Nikolai. **Introducing cultural-historical theory: main concepts and principles of genetic research methodology**. Singapore: Springer, 2019.

VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, Lev S. **Obras escogidas III: historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores**. Madrid: Machado Libros, 2012.

WATSON, John B. Psychology as the behaviorist views it. In: WATSON, John B. **Psychology as the behaviorist views it**. New York: Routledge/Thoemmes Press, 1994.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.